

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Amarildo da Silva Araujo

**As representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino em uma  
escola pública de Belo Horizonte**

Belo Horizonte - MG

2016

AMARILDO DA SILVA ARAUJO

**As representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino em uma escola pública de Belo Horizonte**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: GDE- Especialização NUH/UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador:  
Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta

Belo Horizonte - MG

2016

AMARILDO DA SILVA ARAUJO

**As representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino em uma escola pública de Belo Horizonte**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: GDE-Especialização NUH/UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Aprovada em    de    de 2016

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta  
Orientador (UFMG)

Profa. Dra. Cristina Isabel de Abreu Campolina de Sá  
Departamento de História da UFMG

Prof. Dr. Luciano da Silva Moreira  
IET-MG

Belo Horizonte – MG

2016

Dedico este trabalho a todas as pessoas que se empenham para que o futebol feminino seja despido de todo preconceito.

## **AGRADECIMENTOS**

Certamente, cometerei a injustiça de, por descuido, não citar algum nome que deveria constar nestes agradecimentos; por isso, de antemão, peço desculpas e agradeço a todas as pessoas que de, alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e que, porventura, não tenham seu nome mencionado aqui.

Agradeço ao meu querido pai, onde quer que esteja. Agradeço à minha querida mãe, fonte de dedicação aos filhos e de amor, pilar da nossa família, que a Divina luz continue lhe cobrindo de saúde e paz.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta, pelo empenho, confiança, dedicação e pela orientação segura, aos tutores Paulo Roberto da Silva Junior, Andréa Franco Lima e Silva, à coordenação do curso e aos membros que participaram da banca; Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristina Isabel de Abreu Campolina de Sá e Prof. Dr. Luciano da Silva Moreira.

Por fim, agradeço aos participantes da pesquisa e à escola que permitiu a realização deste estudo.

Para que serve a educação que não torna o homem hoje melhor que ontem.

(autor deste estudo).

## RESUMO

As conquistas das mulheres nos últimos tempos têm avançado em diversos campos, no trabalho, no direito ao corpo, na forma de viver a sua sexualidade e de fazer as suas escolhas. Com isso, elas vêm se tornando agentes ativas dos seus interesses e das suas vontades. No esporte, em especial, o futebol, predominantemente masculino, representa um local de ensino, de preservação e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade. Em linhas gerais, porém, no futebol feminino, têm ocorrido reconhecidos avanços. Este estudo tem por objetivo identificar as representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino em uma escola pública de Belo Horizonte. Como metodologia, utilizou a análise de documentos e a técnica do grupo, com a participação de oito estudantes. Os resultados indicam que, na instituição escolar em questão, predomina o imperativo da masculinidade no futebol, baseado na distinção de homens e mulheres por critérios biológicos e não pela construção social do sexo, ou seja, por gênero. Isso tem implicado preconceitos, desigualdades, hierarquias e sexismo para com a prática do futebol feminino.

**Palavras-chave:** Futebol Feminino - Escola - Representação

## **ABSTRACT**

Women's achievements in recent times have advanced in various fields such as labor, right to the body in order to live their sexuality and to make their choices. They became active agents of their interests and their will. In sports, particularly in football, a predominantly male place, is a local of education, preservation and public expression of traditional masculinity norms. However, in women's football has been recognized advances. This study aims to identify the representations of male and female students about women's football in a public school at Belo Horizonte. Methodology employs document analysis and the technique of the focal group with participation of eight students. Results indicate that in this educational institution, the predominant imperative of masculinity in football is based on the distinction of men and women by biological criteria and not by the social construction of sex, or gender. This has meant prejudice, inequality, hierarchy and sexism to the practice of women's football.

**Key-words:** Women's football - School - Representation

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	11
2. Objetivos e justificativa .....	15
3. Referencial teórico .....	16
4. Referencial metodológico .....	23
5. Análise dos dados .....	26
5.1 Análises dos documentos pesquisados .....	26
5.2 Análises dos dados de campo e discussão .....	27
6. Considerações finais .....	39
7. Referências .....	41
8. Apêndices.....	44
8.1 Roteiro do Grupo Focal.....	44
8.2 Termo de anuência - Escola estadual.....	45
8.3 Termo de consentimento livre e esclarecido – Responsável pelo estudante menor .....	47
8.4 Termo de assentimento – Estudante menor de 18 anos.....	48
8.5 Termo de consentimento livre e esclarecido – Estudante maior .....	49

## 1. Introdução

O futebol, como fenômeno social no Brasil, constitui-se em um dos maiores representantes da cultura brasileira, dialogando com diferentes campos da sociedade, sendo considerado um elemento de identidade nacional. Esse esporte é capaz de mobilizar e movimentar a nação brasileira, nos eventos nacionais ordinários, bem como nos torneios internacionais, como se verificou no megaevento da última Copa de 2014 da FIFA, que exigiu vultosos investimentos com reformas e construções de estádios e também em obras de infraestrutura pelo país, produzindo impactos na vida das pessoas, independentemente delas serem torcedoras ou não. Além disso, ele está inserido no cotidiano da sociedade brasileira, seja através das múltiplas práticas (o jogo em si), das diferentes manifestações do torcer, dos produtos e negócios vinculados a esse esporte, ou por meio de sua inserção em diversos meios de comunicação.

Como um elemento fundamental da nossa cultura, ele pode ser visto como uma simples prática esportiva, ou como um complexo fenômeno inserido na sociedade brasileira. Esse esporte, ou essa prática<sup>1</sup>, é uma construção sociohistórica que envolve diferentes dimensões da vida, como a política, a economia e a cultura do país. Por isso, expressa aspectos importantes dos indivíduos, como as emoções e a diversidade de gênero.

Na cultura brasileira, a mulher e o futebol passaram a ter caminhos diferentes dentro da sociedade. Em linhas gerais, podemos dizer que, em nossa sociedade, enquanto o futebol historicamente foi marcado pelo predomínio de um quadro sexista masculino, a mulher nas três últimas décadas vem expandindo o seu campo de atuação, fazendo-se presente em uma pluralidade de segmentos. Um desses campos é o esporte. As atividades esportivas, que por muito tempo eram exercidas quase que exclusivamente por homens, passaram a ser praticadas também por mulheres. Uma delas é o futebol, que nos últimos anos vem conquistando cada vez mais o número de

---

<sup>1</sup> Neste estudo em diferentes momentos utilizo o vocábulo prática ou a expressão prática esportiva como o mesmo significado de esporte. Vale ressaltar, que a prática necessariamente não precisa ser executada nos moldes das regulamentações do esporte e pode ser realizada e reinventada de múltiplas maneiras.

adeptas, embora mais lentamente. Isso se verifica tanto no que diz respeito à prática do futebol feminino, quanto em outras formas de envolvimento com este esporte, como a participação em torcidas, vestindo a camisa do seu time pela cidade demonstrando o seu pertencimento clubístico, como blogueiras, árbitras, jornalistas especializadas, comentaristas e apresentadoras de programas de futebol no rádio e na TV.

Segundo Franzini (2005), o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde o seu início, um espaço predominantemente masculino e, como esse espaço não é somente esportivo, mas também sociocultural, os valores nele contidos e dele derivados colocam contornos nem sempre claros e bem definidos, devendo ser observados por manter uma ordem ou uma lógica, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. Assim, simbolicamente demarca posições e reforça os papéis permitidos ao masculino e ao feminino com os códigos de conduta atribuídos a esses sujeitos, a fim de manter uma ordem social, onde cada um desempenha o seu papel a partir da normatividade vigente.

A entrada das mulheres nesse campo contraria essa ordem e interfere nas formas de convivência daí decorrentes com os homens. Tais formas, obviamente, serão expressas por meio das relações de gênero presentes em cada sociedade. Assim, quanto mais sexistas forem as relações, mais acentuadas são as suas reproduções. Notadamente, isto é visível em larga escala em nosso país.

Elias e Dunning (1992) chamam atenção, em suas análises, para a condição do esporte, mais detidamente do futebol, como área reservada ao masculino. Ele é um fenômeno dominado pelo universo masculino, que dialoga com diferentes campos da sociedade, dentre eles a educação, que nas duas últimas décadas, por meio da escola, vem se constituindo em um importante espaço (a princípio “legalmente reconhecido”) para a prática do futebol feminino, do torcer e dos saberes desse esporte.

Muitas alunas dificilmente teriam condição de vivenciar a prática futebolística se não fossem as aulas dessa modalidade esportiva nas quadras das instituições escolares. Apesar de terem ocorrido avanços do futebol feminino na Educação Física escolar, é sabido que nas escolas há resistências

tanto dos alunos em relação ao jogo das alunas, quanto entre as próprias estudantes, que também veem essa prática de maneira preconceituosa.

Portanto, cabe indagar: quais são as barreiras existentes para o exercício do futebol feminino na escola? Qual o interesse das alunas para com essa modalidade esportiva? Quais os incentivos que as alunas percebem para a sua prática? Qual a imagem que elas fazem desse esporte? Como as meninas veem as praticantes? Quais questões de gênero se destacam no futebol feminino na percepção dos alunos e alunas? Nessa direção, a pergunta maior que norteia esse estudo é: quais são as representações dos alunos e das alunas sobre o futebol feminino?

Identificar as representações presentes no meio escolar contribui para o entendimento e possíveis avanços no combate contra o preconceito da prática do futebol feminino. Trata-se de uma questão que expressa uma importância pedagógica quando se trata da questão de gênero na escola e também um assunto de relevância social, uma vez que o futebol é um campo dominado pelo universo masculino.

Para identificar as representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino, recorri a Chartier (1990), para quem a cultura ou as diversas formações culturais podem ser examinadas na relação interativa entre a prática e a representação. As representações sociais podem ser individuais ou coletivas, mas de certa forma estas duas acabam gerando discursos que produzem efeito prático na sociedade.

Em linhas gerais, as representações são “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17). Elas envolvem as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real; mudam de acordo com as disposições dos grupos, classes sociais ou meios intelectuais; produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas.

As percepções do mundo social não se pautam pela neutralidade dos discursos. O poder e a dominação estão sempre presentes em diferentes espaços como: sociais, políticos, escolares, dentre outros. Dessa maneira, “nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua

concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto às lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Para o autor, os produtos culturais trazem representações que atendem a formas de discurso codificadas e regulamentadas por processos de persuasão e justificação. Essas representações revelam as “posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19). Essa perspectiva é fundamental em sua compreensão acerca do funcionamento de uma sociedade. Ela, por isso mesmo, pode ser transposta para se identificar as representações do futebol feminino na escola. Segundo o autor:

permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é, contraditoriamente, construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns «representantes» (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

Assim, Barros (2005) entende que, para Chartier,

tanto os objetos culturais seriam produzidos 'entre práticas e representações', como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos 'modos de fazer' e aos 'modos de ver' (BARROS; 2005, p.125-141).

Portanto, a partir da ideia de representação de Chartier, de sua abordagem sobre o mundo da cultura centrada nas relações entre as práticas e as representações, busquei identificar no futebol, esse campo dominado pela masculinidade, o que, em especial, o feminino tem representado na educação de estudantes para a construção de uma equidade.

## **2. Objetivos e justificativa**

O objetivo geral desta pesquisa é identificar as representações sobre o futebol, em particular o futebol feminino, em uma escola pública de Belo Horizonte, MG.

Os objetivos específicos são: verificar se o futebol feminino se insere no planejamento e/ou programação da escola; conhecer a opinião dos alunos sobre o futebol feminino; verificar se o futebol feminino constitui um tabu para as alunas e alunos; levantar quais são os interesses das alunas pelo futebol; e conhecer o lugar do futebol feminino dentro da hierarquia dos demais esportes escolares.

A investigação sobre a relação entre o futebol feminino e a sua inserção na escola é pertinente, uma vez que a escola se constitui em um lugar de conhecimento e aprendizado, de alguma forma tem sido tensionada e levada a dialogar com o futebol, esse universo predominantemente masculino, em um espaço de convivência constituído por uma pluralidade de sujeitos e interesses. Este estudo possibilita a identificação das representações dos estudantes sobre o futebol feminino na Educação Física escolar e uma reflexão sobre a situação encontrada, tendo em vista que essa modalidade é um direito de todos e todas.

Além disso, a pesquisa poderá contribuir para a orientação de ações pedagógicas a partir dos resultados encontrados e implicar mudanças positivas no campo da educação, colaborando com possíveis intervenções de efeitos reflexivos e práticos sobre do futebol feminino na escola.

Reconhecer a existência de conflitos numa relação dominada pelo masculino e que recebe a inserção do feminino é extremamente importante para que a escola se configure como local onde se discutem questões que afetam o cotidiano da sociedade ou onde se lhes atribui a devida e/ou merecida importância. Este estudo, desse modo, constitui-se como uma oportunidade para conhecer, refletir ou até mesmo propor caminhos para que se possa intervir no futebol, universo que ainda é dominado pelo universo masculino.

### 3. Referencial teórico

As conquistas das mulheres nos últimos tempos têm avançado em diversos campos. As mulheres têm ampliado sua participação no universo trabalho, ao mesmo tempo em que afirmam seu direito ao próprio corpo, a viver a sua sexualidade e a fazer as suas escolhas. Com todas essas conquistas, as mulheres se tornam progressivamente agentes ativas dos seus interesses e das suas vontades. Para que se possa avançar ainda mais nesse processo, é preciso compreender que a igualdade entre homens e mulheres depende do reconhecimento das diferenças. Quanto às questões de gênero, ainda podem ser notados modelos de feminilidade ancorados em padrões tradicionais, os quais, aliás, regem a maneira de ser e de viver das mulheres. Tais maneiras são reafirmadas em diferentes espaços, dentre eles o esporte e a escola.

Para Dunning e Maguirre (1997, p. 345), “o esporte representa para uma maioria de homens o principal local de ensino, de preservação e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade”. Ou seja, ele não só representa o domínio do campo masculino na ordem social, mas também o legitima como uma forma de poder.

Ao tratar do campo futebolístico, Moura (2005, p. 138) chama a atenção para o fato de a formação, determinação e manutenção dos papéis sexuais “acontecerem no seio familiar e na escola”. A relação das mulheres com o futebol e a inserção do futebol feminino na escola, além disso, implicam um direito a um novo espaço a ser conquistado pelas mulheres, sobretudo porque a escola é um local especializado de aprendizado, de produção de conhecimento, troca de saberes, ressignificações, enfim, de educação.

A escola, como uma construção social, nas suas práticas institucionais, traz para o seu interior questões que ocorrem no seio da sociedade e que são reproduzidas no meio escolar. Muitas vezes, não são discutidas como determinadas desigualdades ocorrem de forma naturalizada nas relações institucionais. Com isso, a escola encobre que as desigualdades são construções sociais e culturais, desconsiderando, desse modo, que as relações entre as pessoas são permeadas também por diferenças de gênero.

Para estarmos no mundo da cultura, é exigido que, durante o processo de socialização, sejam internalizados os valores, práticas, crenças, hábitos, tradições, ou seja, um arcabouço cultural constituído historicamente, sendo tais elementos adotados e tratados em muitos casos como naturais, isto é, como se fossem dados pela natureza e reconhecidos como verdades estabelecidas. Fatos como não escolhermos a nossa língua materna e nem o país ou a cidade onde nascemos, ou ainda, não decidirmos quem são os nossos pais nos levam a pensar que a cultura aparece como algo determinado, externo e natural, que o sujeito a recebe e a incorpora a sua vida. Contudo, ela pode ser ressignificada, ao ser reelaborada a partir de novas referências.

Assim, as desigualdades sociais entre homens e mulheres são naturalizadas e remetidas, geralmente, às características biológicas. Explicá-las, porém, por esse modo, tornou-se algo frágil. As explicações precisam ser buscadas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nos saberes dos contrários, nas formas de representação e não nas diferenças biológicas. É certo que:

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre desta distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter um caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestida por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender – e *justificar* – a desigualdade social (LOURO, 2003 p.20-21).

Porém, a própria autora supracitada completa e introduz o elemento que será fundante para compreender as desigualdades entre homens e mulheres.

É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 2003 p.21).

Goellner (2001) entende que o gênero é a construção social do sexo e o que diferencia homens e mulheres não são apenas aspectos biológicos, mas sociais, históricos e culturais. De acordo com Scott (1995, p. 86), o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Para Beleli (2010), o conceito de gênero é uma categoria de diferenciação universal. Segundo essa autora, estudos feitos em diferentes culturas indicam que não há um modo inato de ser mulher e de ser homem e não necessariamente as noções de feminilidade e de masculinidade estão associadas, respectivamente, aos corpos sexuados.

O gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões assentadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais, que estão presentes nas diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, além de outras culturalmente construídas.

Se é conformação anatômica dos sujeitos aquilo que os define, dentro dessa perspectiva, nada mais “natural” que recomendar aos homens e mulheres diferentes possibilidades de movimentação. A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”. Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (GOELLNER, 2007, p. 184-185).

Entender a masculinidade e a feminilidade como peças de discursos construídos por pessoas e instituições ajuda-nos a pensar sobre a hierarquia e perceber que a mobilidade ou as transformações são possíveis. Dentre outros fatores, além de saber que a igualdade entre homens e mulheres passa pelo reconhecimento das diferenças, é preciso que se problematize o discurso naturalizado, tal como ele aparece nas frases preconceituosas de domínio público, que possuem um forte conteúdo ideológico, como, por exemplo: “futebol é jogo para homem” ou “mulher que joga futebol é Maria Homem”. Essas falas vão contribuindo para a determinação dos papéis sociais atribuídos

às mulheres e aos homens. Trata-se de discursos que vão construindo o “ser homem” e “ser mulher” como se fossem naturais, mas eles não o são.

Tais discursos estão imbricados no mundo do futebol, e essa naturalização aparece como invisível. Buscando caracterizar a importância do futebol na cultura brasileira e entender a força desse esporte predominantemente praticado pelo sexo masculino, DaMatta (1982), ao dizer que ele se constitui em um fenômeno sociocultural de identidade nacional, demonstra a inserção e a representação do futebol na cultura brasileira. Nessa direção, Faria (2008, p. 12) considera que o futebol no Brasil constitui-se em “uma manifestação cultural que se multiplica e se desdobra numa diversidade de práticas, assumindo múltiplos contornos em diferentes contextos sociais”. Daolio (2006, p. 128) corrobora a autora ao afirmar que “o futebol está inserido no cotidiano de nossas vidas, não sendo possível deixar de vê-lo, ouvi-lo ou, pelo menos saber sobre ele”.

Dessa forma, o futebol representa um fenômeno cultural, detentor de um expressivo poder simbólico, como definido por Jocimar Daolio (2000). É possível inferir que esse esporte tem sido o espaço de validação da masculinidade e um nicho de preservação dos códigos e valores tradicionais dessa masculinidade na cultura brasileira. Simbolicamente, os códigos de conduta demarcam posições e reforçam os papéis permitidos ao masculino e ao feminino dos indivíduos, a fim de manter uma ordem social, onde cada um desempenha o seu papel de modo esperado pela sociedade.

Notadamente, o futebol, como um fenômeno sociocultural, tem demonstrado a “invisibilidade ou a ausência” de contrários, tal como, por exemplo, o futebol feminino. O histórico da mulher em nossa sociedade retrata uma situação do futebol feminino a partir da fragilidade física, maternidade e feminilidade, aspectos tidos como peculiares ao universo feminino (GOELLNER, 2005).

Goellner (2005) considera que são vários argumentos possíveis que procuram explicar a pouca visibilidade dada às mulheres no futebol brasileiro. A autora recorre a dois deles, que são facilmente identificados em vários espaços sociais:

a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e ou as lutas (GOELLNER, 2005, p. 143).

A representação que se tem sobre o futebol está arraigada ao simbolismo de uma prática masculinizante, uma vez que a participação das mulheres na história do futebol revela um ordenamento para que elas se aproximassem, ao máximo, do comportamento esperado pelos homens (GOELLNER, 2005). A virilidade apresentada nesse esporte é constantemente salientada por frases que expressam o sexismo, tais como o “futebol é coisa para macho” ou “coisa para homem”, bem como outras formas jocosas que revelam o preconceito quanto ao envolvimento das mulheres com esse esporte: por exemplo, “fulana é Maria tomba homem”. Nesse cenário, não é demais afirmar que as mulheres são quase invisíveis como um sujeito da história do futebol brasileiro, e o futebol feminino, em particular torna-se um tema praticamente sem importância quando se fala sobre a trajetória desse esporte em nosso país.

O discurso preconceituoso referente à prática do futebol feminino não vigora somente nos estádios e nos campos. Ele está presente nas instituições escolares e fora delas. A expressão “o futebol não é para meninas” chega às crianças não somente nas aulas de Educação Física, nos momentos do recreio, mas também nas brincadeiras de rua e em vários outros contextos socioculturais. Para Altmann (1998), a associação do esporte à masculinidade varia de acordo com a modalidade, e na escola, o futebol é considerado o mais masculino dos esportes.

Segundo Furlan e Santos (2008), o ambiente escolar, desde o seu início, produziu distinções e desigualdades. A escola se incumbiu de separar os sujeitos, por meio de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização.

No momento de introdução dos esportes na educação física escolar brasileira, as meninas foram tidas como seres frágeis e dóceis, e os meninos dotados de força, dominação e poder, marcas que reiteram a diferença de gênero. A construção das imagens de feminilidade

aparece inserida na educação física em diferentes espaços e tempos, formas e estratégias diversas (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 33).

Lovisoló *et al* (2009) alegam que o maior número de razões para a supressão feminina do futebol no contexto escolar se dá pela falta de conhecimento sobre o esporte, ou de habilidade para a prática por parte das mulheres. No entanto, ao se alegar tais razões, não elencam as causas que levam às diferenças das habilidades entre meninos e meninas.

Culturalmente, o esporte tem-se apresentado como uma prática onde a masculinidade se aprende e se afirma a valorização do homem e a desvalorização da mulher (LESSA, 2005). Assim, as aulas de Educação Física, em boa medida, podem tornar-se espaços de exclusões. Tais exclusões se reforçam ao estabelecer o esporte como o conteúdo principal, em especial o futebol, pois, sendo conteúdo generificado e generificador, ele já traz em seu contexto histórico a problematização de gênero, criando obstáculos à participação feminina nas aulas.

Daolio ressalta que:

Em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujarem, não suarem (DAOLIO, 2003, p. 111).

O futebol apresenta uma concepção de poder designada ao sexo masculino. No Brasil, desde o nascimento, o pai, em muitos casos, já escolhe/define o clube de futebol do menino. Isso não ocorre com as meninas. Portanto, as relações com o futebol são permeadas pelas questões de gênero, como insistentemente se frisa neste estudo.

Essa forma de pensar é reforçada, ao longo do desenvolvimento da criança, pela presença de uma norma social preconceituosa e até mesmo “homofóbica” no futebol. O estudo de Pereira *et al.* (2013) mostrou que, no futebol, quanto menor a idade, maior a expressão do preconceito contra os homossexuais, o que pode indicar o papel exercido pela família e a escola,

uma vez que, quanto mais novos, maior é o poder de influência dessas instituições sobre as pessoas.

Segundo Pereira *et al* (2014), além disso, o sexo é um fator importante para a compreensão do preconceito homofóbico no futebol. Os resultados dos seus estudos demonstram menor preconceito das mulheres perante homossexuais do que os homens. Conforme entende Liotard (2003, p. 4), “o mundo dos esportes depende da estigmatização, tanto dos homens que se afastam dos caminhos da virilidade tradicional quanto das mulheres que dele se aproximam, associando num mesmo movimento, sexismo e homofobia”.

Para Lacerda, Pereira e Camino (2002), o esporte prioritariamente para homens é repleto de virilidade masculina. Essa associação tem alguma aproximação com a concepção prescritiva de que no futebol não deve haver lugar para os afeminados ou, muito menos, para o feminino.

Assim, pode-se inferir que a educação de meninos e meninas é fortemente marcada pela determinação do que é destinado e entendido pela heteronormatividade como masculino e viril, de um lado, e feminino e adorado, de outro. Isso apresenta reflexos nas instituições escolares, sobretudo nas aulas de Educação Física, um espaço que requer predominantemente o uso da linguagem corporal, com discriminações e preconceitos de gênero polarizando as identidades.

Separar meninos e meninas nas aulas é estabelecer uma divisão polarizada entre gêneros; é exagerar uma generificação das diferenças entre as pessoas, desconsiderando variações no gênero e considerando apenas diferenças de gênero como importantes numa aula; é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são, e negar aos meninos e meninas a possibilidade de cruzá-las; é furtar-lhes de antemão, a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados (ALTMANN, 1999, p.176).

Essa polarização, que se traduz no binarismo de gênero e postula que as pessoas são inteiramente homens ou mulheres, com atitudes restritas ao campo feminino ou masculino, conseqüentemente, silencia e oprime outras formas de gênero que existem. Os discursos e as práticas desse modelo vão criando padrões de normatividade que excluem e discriminam quem não se encaixa nesse modelo ou que apresenta um determinado sexo e possui um comportamento que se aproxima do outro.

Souza e Altimann (1999) afirmam que, nas aulas de Educação Física,

não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 56).

Dunnig e Maguirre (1997) consideram que o esporte tornou-se uma expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais, e o esporte organizado transformou-se na principal experiência de validação da masculinidade. Segundo Goellner (2006),

a representação de que o futebol masculiniza a mulher só pode ser compreendida a partir de uma representação essencialista dos gêneros que não permite visualizar as multiplicidades que cada pólo contém. Representa, ainda, admitir ser o futebol um esporte masculino e que, quando jogado pelas mulheres, deve evitar que ela transponha alguns limites culturalmente construídos e identificados a partir da sua configuração biológica tornando-se portanto, imperiosa a sua feminização (GOELLNER, 2006 p. 4).

Portanto, no futebol são evidentes a hierarquia e o binarismo. Além disso, a presença do sexismo é reproduzida dentro do próprio esporte, gerando o rebaixamento e a desqualificação do feminino. Essas representações são algumas das barreiras que estão previamente estabelecidas para serem enfrentadas e superadas na prática do futebol feminino na escola.

#### **4. Referencial metodológico**

Esta pesquisa de abordagem qualitativa é um estudo de caso. Coutinho e Chaves (2002) apresentam uma pluralidade de temas que podem ser considerados casos: um indivíduo, um personagem, um pequeno grupo, uma instituição, uma comunidade ou mesmo uma nação. Outra característica dessa abordagem metodológica é o fato de se tratar de um plano de investigação que envolve um estudo intensivo e detalhado de uma situação bem definida. Nesse caso, a pesquisa está direcionada para o futebol feminino em uma escola pública. De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 156), a “vantagem mais marcante dessa estratégia de pesquisa repousa na possibilidade de

aprofundamento que oferece, pois os recursos se veem concentrados no caso em investigação”, não estando esta última submetida às restrições ligadas à comparação do caso estudado com outros casos.

A pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2015, em uma escola pública de ensino médio de Belo Horizonte pertencente à região norte da cidade, que foi escolhida por meio de um sorteio aleatório. Os documentos analisados foram o Currículo Básico Comum (CBC), o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o plano de curso da disciplina Educação Física. Segundo Gil (2008), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens, por ser fonte rica e estável de dados: não implica altos custos; não exige contato com os sujeitos da pesquisa; possibilita leitura aprofundada das fontes; e, ainda, pode ser reelaborada de acordo com os objetivos definidos. Para Ludke e André (1986), a análise documental constitui importante técnica nas pesquisas, seja para se complementar informações obtidas por outras técnicas, seja para se desvelar aspectos novos de um tema ou problema.

Os dados dos sujeitos participantes foram obtidos a partir da aplicação da técnica do grupo focal realizada com os alunos e alunas. O grupo focal foi formado por estudantes do terceiro ano do ensino médio, devido ao fato desse nível e ano de ensino, em tese, favorecer o maior aprofundamento sobre as questões da diversidade de saberes e experiências vivenciadas pelos alunos.

Essa técnica é um procedimento pelo qual o pesquisador tem a oportunidade de ouvir diversos participantes ao mesmo tempo visando compreender a dimensão subjetiva no que se refere a qualquer temática em estudo. Segundo Borges e Santos (2005), é uma, dentre as várias modalidades disponíveis de entrevista grupal e/ou grupo de discussão. É uma forma de coleta de dados direta por meio da fala de um grupo, que relata suas experiências e seus pontos de vista em torno do tema pesquisado.

Para Ashidamini e Saupe (2004), o propósito do grupo focal consiste na interação entre os participantes e o pesquisador para a coleta de dados, a partir da discussão com foco em tópicos específicos e diretivos. O recrutamento dos participantes deve contemplar uma pluralidade de sujeitos que possam ser representativos para a pesquisada.

Os alunos que participaram da pesquisa foram selecionados pela professora de Educação Física e pela supervisora do turno da manhã. Os critérios apresentados a ambas para selecionar os alunos e as alunas foram: o número dez participantes, sendo a metade do sexo masculino e a outra parte do sexo feminino, buscando-se, além disso, a maior diversidade de gênero; o grande envolvimento no futebol por parte dos selecionados, seja como praticante, torcedor e, ainda, pelo acompanhamento das notícias desse esporte, preferindo-se estudantes com apenas umas dessas características; inversamente, também estudante sem interesse algum por futebol. Em suma, tanto na temática sobre gênero, quanto no interesse ou não pelo futebol, o critério foi contemplar a maior variedade/diversidade sobre essas questões.

Para a identificação dos sujeitos, foram utilizados os seguintes códigos para cada participante do sexo masculino: M1, M2, M3 e M8. Para as participantes do sexo feminino, escolheram-se: F4, F5, F6 e F7. Os números foram colocados após a identificação de sexo e seguiram a ordem de apresentação dos participantes. Caso fossem identificados outros gêneros, ocorreria à complementação da identificação com a criação de uma abreviatura.

A identificação das representações foi feita a partir das ideias de (CHARTIER, 1990). A principal preocupação foi identificar, nas narrativas, as formas pelas quais o futebol é representado, aproximando-se ao máximo da realidade dos participantes, a fim de identificar as suas representações sobre o futebol feminino.

Os sujeitos da pesquisa foram informados sobre os objetivos do estudo e todos os trâmites e procedimentos da pesquisa. Também assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando com as normas de participação.

## **5. Análise dos dados**

### **5.1 Análises dos documentos pesquisados**

Analisei o documento oficial denominado Conteúdo Básico Comum (CBC) da disciplina Educação Física, que se constitui na proposta do Governo Estadual de Minas Gerais para os últimos anos do ensino fundamental e Ensino Médio. Esse documento apresenta quatro grandes eixos temáticos. No eixo temático “Esporte”, investiguei se há menção ao futebol feminino e como ele está inserido nessa disciplina escolar. Quanto aos documentos da escola, busquei como proposta analisar o PPP e o plano de curso dos professores. Entretanto, estes últimos não foram investigados em função de não terem sido disponibilizados para análise.

Na proposta oficial do Estado de Minas Gerais, no eixo temático “Esporte”, não aparece o vocábulo futebol como tema e, sim, futsal, que podem ser entendidos como sinônimos, pois ele é uma variação do termo maior. Ressalto que as escolas possuem quadras de esportes, e, com raras exceções, apresentam um espaço específico para a prática do chamado futebol de campo.

Não há referência alguma ao futebol feminino, nem mesmo a questão de gênero no CBC de Educação Física do ensino médio. Porém, nesse mesmo documento no ensino fundamental no eixo temático “Esporte” no tópico: “a inclusão ao esporte” de forma generalizada aparece nas habilidades: “8.1. Compreender o esporte na perspectiva da inclusão/exclusão dos sujeitos”; “8.2. Compreender o esporte como espaço de respeito às diferenças”; e “8.4. Compreender as influências histórico-culturais na participação da mulher no esporte” (SOUSA, 2006, p. 50).

Essas habilidades propostas para o ensino fundamental não são retomadas e nem tratadas de maneiras específicas no ensino médio. Porém, entendo que é possível relacionar a temática da inclusão/exclusão e o respeito às diferenças com o futebol feminino. Conforme Sousa (2006, p.9) os CBCs “não esgotam todos os conteúdos a serem abordados na escola, mas

expressam os aspectos fundamentais de cada disciplina, que não podem deixar de ser ensinados e o aluno não pode deixar de aprender”.

Quanto ao documento da escola o PPP, este, não me foi disponibilizado para análise. Fui informado pela professora responsável, que neste documento não há citação alguma referente ao futebol feminino, o que indica o lugar ocupado pelo mesmo na perspectiva dessa instituição escolar. A respeito do plano de curso, também não me foi disponibilizado, no entanto, fui informado pela professora que não há referência alguma sobre o futebol feminino nos registros do planejamento anual. Essa situação revela igualmente a relevância desse assunto ou temática na condução da disciplina Educação Física.

A ausência da inserção do futebol feminino no CBC, PPP e plano de curso são significativas, pois demonstram a fragilidade e a invisibilidade dessa modalidade esportiva no contexto escolar e ainda indica que ele figura como uma questão problemática, que tem implicações teóricas (sexismo), uma vez que a sua ausência induz a pensar somente no futebol masculino, e implicações práticas (direito e preconceito), que parecem ser invisíveis para a educação.

## **5.2 Análises dos dados de campo e discussão**

### **5.2.1 Apresentação: perfil e posições dos sujeitos em relação ao futebol**

Participaram da pesquisa quatro alunos do sexo masculino e quatro do feminino. Embora tenha sido explicado a professora de Educação Física e a supervisora os benefícios para a pesquisa da participação de sujeitos com a maior diversidade de gênero, prevaleceu a heteronormatividade. Todos os estudantes selecionados, ademais, tinham dezoito anos completos, mesmo tendo o termo de assentimento para menor, e o TCLE para o responsável estivesse disponibilizado. Segundo as referidas autoridades escolares, não foram identificados por elas outros gêneros que estivesse fora do padrão da heteronormatividade, selecionando apenas estudantes do sexo masculino e feminino. Além disso, participaram estudantes com diferentes interesses e práticas.

Apenas uma estudante não tem um pertencimento clubístico. Todos os demais todos são torcem por algum time da cidade de Belo Horizonte. Embora os clubes fossem revelados, eles não foram citados no texto, uma vez que essa informação não foi de interesse deste estudo.

Quanto aos sujeitos entrevistados e suas respectivas posições sobre o futebol, vejamos:

M1. Gosta de jogar e torcer e acompanhar os jogos. É torcedor de um clube da cidade.

M2. Gosta de jogar e acompanha os jogos com bastante frequência.

M3. Gosta de jogar, mas não acompanha muito. Gosta do clima da Copa do Mundo. Só assiste às finais dos campeonatos. Tem preguiça de acompanhar todos os jogos.

F4. Não gosta, não curte, entende pouco, não torce por nenhum clube e não pratica. Não gosta do clima de Copa do Mundo.

F5. Não gosta de jogar, mas gosta de torcer. Acompanha os jogos do seu clube.

F6. Gosta muito, pratica, acompanha as notícias do time e conhece as regras. Torce por um clube da cidade.

F7. Gosta de jogar, assistir e torcer. Acompanha os jogos do seu clube e entende pouco. Gosta da competitividade.

M4. Não gosta de jogar, disse que não tem habilidade (os outros riram, falando que é por ele ser gordinho), gosta de torcer e tem um time de Belo Horizonte e acompanha os jogos do clube.

### 5.2.2 Primeira pergunta

Após a apresentação, foi apresentada a seguinte pergunta: *Qual é a imagem vocês têm do futebol feminino na sociedade e na escola?*

Essa pergunta gerou a discussão descrita a seguir.

Para M1: *“É pouco valorizado não tem muita ênfase como o futebol masculino e na escola não é muito praticado. Há um interesse menor das meninas em praticar na Educação Física. A maioria das mulheres não levam [sic] jeito para jogar, mas pessoalmente não tenho nada contra a mulher jogar”.*

A fala do aluno M1 representa, em boa medida, a pouca visibilidade e reconhecimento do futebol feminino. Goellner (2005, p. 143) nos diz: “vários são os argumentos possíveis de serem recrutados para explicar ou, ainda, explicar a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro”. Ainda a autora baseia-se em dois argumentos principais para justificar a pouca visibilidade que resulta na baixa valorização e em pouco reconhecimento do futebol feminino: “... a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza”. Tudo isso indica uma expectativa estereotipada do que venha a ser a mulher e de como deve ser o seu comportamento em relação ao homem. Além disso, culturalmente, o esporte tem se apresentado como uma prática em que a masculinidade se aprende e se afirma, valorizando-se o homem e a desvalorizando-se a mulher (LESSA, 2005).

Para M1, “...na escola não é muito praticado”, o que representa o reflexo do que ocorre na sociedade e se reproduz na escola. Segundo M1: “*Há um interesse menor das meninas em praticar na Educação Física*”. A fala de M1, de fato, coincide com minha própria observação do que se passa na escola, porém M1 não justifica esse fato. Furlan e Santos (2008) contribuem para esclarecer essa situação e nos dizem que, no ambiente escolar, desde o seu início, produziram-se distinções e desigualdades. A escola se incumbiu de separar os sujeitos, por meio de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. Penso que as aulas de Educação Física são um desses momentos, uma vez que elas não são raros os casos que segregam os corpos e selecionam as atividades compatíveis para cada um deles no contexto histórico escolar. No entanto, se a escola é um lugar de normatização, ela é também um espaço de construção e ressignificação.

Segundo a fala do M1: “*A maioria das mulheres não levam [sic] jeito para jogar, mas pessoalmente não tenho nada contra a mulher jogar*”. Ao posicionar-se dessa maneira, o participante pode estar relacionado a duas formas de compreender a questão proposta: a primeira, refere-se à habilidade, à experiência que é adquirida com a prática; e a segunda, diz respeito ao “jeito”, o que passa pelo gênero que é aceito ou não socialmente, ou seja, isso

é ou não permitido para esse gênero. Altmann (1998) ajuda a entender o que quero dizer. Para ele, a associação do esporte à masculinidade varia de acordo com a modalidade e, na escola, o futebol e as lutas são considerados os esportes mais masculinos. Goellner colabora para elucidar essa questão:

Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (GOELLNER, 2007, p. 184-185).

Para finalizar, na primeira fala do M1, ele diz: “... *mas pessoalmente não tenho nada contra*”. Nesse ponto, acredito que ele opta pela neutralidade, eximindo-se da responsabilidade de dizer se é ou não a favor ou um incentivador do futebol feminino.

Na sequência do diálogo entre os participantes sobre a imagem/representação do futebol feminino na sociedade e na escola, houve os seguintes pronunciamentos: para F3, “*tem muito machismo*”; enquanto segundo M8, “*o machismo ocorre devido à falta de igualdade de gênero*”. Essa última fala em especial introduz o gênero como uma categoria que ultrapassa a ideia de sexo, isto é, para a aluna, parece haver o reconhecimento de outras possibilidades de práticas que vão além do futebol masculino e feminino. Segundo M1, ele “*não é muito popular*”; e para F1, “*a questão é uma questão de cultura*”. Essas falas são emblemáticas no que diz respeito às representações da prática do futebol feminino em termos da história cultural de nosso País. Para Chartier (1990), as representações estariam relacionadas aos sujeitos pesquisados como produtores e receptores de cultura. Sobre o futebol, Elias e Dunning (1992) fazem a constatação de que em sua representação ele se constitui em um esporte predominantemente masculino e, por conseguinte, teria contornos machistas.

Outra representação do futebol para alguns participantes está relacionada à mídia. Segundo M2, “*a ênfase é dada no futebol masculino*”; já para F6, “*a mídia deveria valorizar o futebol feminino*”; para M1, “*o investimento é no masculino*”, parecer similar ao de M3, para quem “*o futebol feminino não dá dinheiro*”; já conforme F4, “*há uma manipulação do público por meio do*

*futebol*”. Essas falas demonstram como esses estudantes percebem e associam o papel da mídia relacionado ao futebol feminino, atribuindo-lhe a falta de recursos e a ausência de visibilidade (GOELLNER, 2005). Além disso, como Elias e Dunning (1992), os estudantes constataam a condição do esporte, mais detidamente o futebol, como uma área reservada ao masculino. Penso que esse fato não impede que mudanças possam ocorrer, com vistas a uma maior participação feminina.

### 5.2.3 Segunda pergunta

Sobre a questão do tabu para com o futebol feminino, foram feitas por parte dos participantes diferentes considerações. Ressalto que a ideia de tabu não foi proposta de forma rígida, como, por exemplo, a entendida no tabu do incesto. A discussão circundou mais próxima ao preconceito referente ao futebol feminino.

Segundo M3: *“Hoje a mulher entrou mais no futebol, não vejo tanto preconceito com mulheres que gostam de torcer ou praticar. Não concorda com os nomes pejorativos (Maria homem). Fisicamente o homem é mais forte, mas podem jogar homens e mulheres juntos ou separados. Tem escolas que não deixam as meninas jogarem. No interior tem mais preconceito com o futebol feminino”*.

Quando M3 diz que *“...não vejo tanto preconceito...”*, isso significa que ele está presente e não é algo velado. A sua representação é de forma explícita, porém o preconceito aparece revestido de atenuante na sua intensidade. Vale lembrar que M3 fala de um “lugar” de aluno, de homem. M3, além disso, discorda de um vocábulo pejorativo (masculinizante) dado às mulheres e identifica os homens como os mais fortes, mas acha que indivíduos de ambos os sexos podem jogar juntos ou separados. Para Altmann:

Separar meninos e meninas nas aulas é estabelecer uma divisão polarizada entre gêneros; é exagerar uma generificação das diferenças entre as pessoas, [...] é furtar-lhes de antemão, a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados. (ALTMANN, 1999, p. 176).

Num contexto teórico concordo com Altmann (1999). Porém esta pesquisa não foi realizada com crianças. Todos os sujeitos ouvidos completaram a maior idade. Na prática, em se tratando de alunos do último ano do ensino médio, é também positivo que os estudantes possam jogar juntos e aceitável, do meu ponto de vista, que possam jogar separados, para eventualmente fazer um jogo mais competitivo. Porém, isso dependerá do contexto que será proposto e entendido pelo grupo envolvido.

M3 relata que *“tem escolas que não deixam as meninas jogarem. No interior tem mais preconceito com o futebol feminino”*. Esse quadro é um exemplo extremo da generificação, como aponta Altmann (1999), do preconceito e do machismo. Certamente, essas instituições vivem em permanente conflito entre a tradição e os novos espaços buscados pelas mulheres. Nos meios de comunicação, circulam informações sobre o futebol feminino, levando possibilidades de ideias, formas de fazer e de viver diferentes das tradicionais.

F6 alega que *“o futebol feminino sofre com o machismo. Os homens não gostam de jogar futebol com as meninas. A cultura já diminui a prática do futebol feminino na escola. Ex. ‘Menina não gosta de jogar, tem que ficar fazendo unhas’. A mulher sofre preconceito por jogar futebol e ganha nomes provocativos (Violenta, Bruta, Huck, Maria Macho). Tem preconceito, mais vai avançando, é um clichê que as mulheres vão sofrer”*.

Para essa estudante, o futebol feminino é recusado pelos homens. A representação da prática feminina é cercada pelo machismo e por diferentes formas de preconceito. Segundo a aluna F6, *“a cultura reduz a prática do futebol feminino no ambiente escolar”*. Esta realidade sobre a restrição da prática revela-se também na pesquisa documental. Ou seja, entre os polos masculino e o feminino há diferentes possibilidades de ser. Na fala de F6, visualizam-se diferentes formas de representação ditadas pelo sexismo, situação que ela combate.

De acordo com F5: *“É preciso mais imposição do professor, há mais atividades para o futebol masculino. A escola tem que insistir para a professora ceder a quadra para as meninas e os meninos ridicularizam. Isso desanima as meninas. Inicialmente os alunos achavam que só eles tinham direito. O tempo de aula deve ser dividido entre homens e mulheres. Antigamente eu gostava*

*mais. Os meninos ridicularizam o futebol feminino 20 minutos para as meninas e 30 para eles*". Essa fala demonstra a luta, o interesse e que há resistência por parte da(s) aluna(s). F5 vê a participação feminina como uma forma natural: *"Ainda tem preconceito, mas a coisa vai se naturalizando e com o tempo as barreiras vão sendo rompidas"*.

A representação do futebol feminino passa pelas dificuldades internas de organização da escola, situação demonstrada também pela pesquisa documental (CBC e informações das autoridades escolares) e pela resistência imposta pela cultura dominante. Para Dunnig e Maguirre (1997), o esporte tornou-se uma expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais. Esses valores masculinos se tornaram imperativos na conduta das aulas de Educação Física, razão pelas quais F5 possivelmente revela suas queixas, sobretudo na condução de maneira sexistas das aulas. Tal situação constitui uma barreira a ser ultrapassada pelas mulheres desejosas de se inserirem nesse campo. Portanto, embora F5 tenha uma representação negativa da situação do futebol feminino na escola, ela concebe concomitantemente a participação feminina, identifica o aspecto tenso/conflituoso e vê no passar do tempo a possibilidade de melhoras para que o futebol feminino seja concebido de forma naturalizada.

Penso que dificilmente um grupo qualquer abre mão do poder que detém. As conquistas acontecem em função de conflitos e tensões, e isso pode ser percebido na luta que as mulheres têm feito para ocuparem diferentes espaços, como na política, nas condições de trabalho e também no futebol. Assim, a fala de F5: *"... mas a coisa vai se naturalizando e com o tempo as barreiras vão sendo rompidas"* não estimula a mudança da ordem presente.

Para M1: *"A prática do futebol para as meninas é mais difícil. A bandeirinha errou, há um preconceito, o erro feminino é mais evidenciado. A mídia nunca divulga o futebol feminino. Tem muita mulher nos estádios. O preconceito é menor com as comentaristas de esportes. Não dá certo homem jogar com mulheres, os homens vão machucar as meninas"*.

O participante M1, quando perguntado<sup>2</sup> sobre qual a imagem ele tem do futebol feminino na sociedade e na escola, respondeu: *"A maioria das mulheres*

---

<sup>2</sup> A resposta completa encontra-se após a primeira pergunta; página 28.

*não levam [sic] jeito para jogar, mas pessoalmente não tenho nada contra a mulher jogar*". No entanto, nesse momento, ele apontou algumas situações que, de fato, acontecem no meio do futebol com as mulheres. Mas quando diz que *"Não dá certo homem jogar com mulheres, os homens vão machucar as meninas"*, revela uma perspectiva preconceituosa e machista, que exalta as diferenças entre os sexos. Louro (2003) afirma que:

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos recorre desta distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter um caráter de argumento final, irrecorrível. [...] a distinção sexual serve para compreender – e justificar – a desigualdade social (LOURO, 2003 p. 20-21).

Se a escola é um local de aprendizagem e de conhecimento, então, do ponto de vista pedagógico, essa manifestação em relação às capacidades físicas precisa ser discutida, a fim de trabalhar essa convivência, em especial nas aulas de Educação Física, em que especificamente se situa o conteúdo dos esportes.

Segundo M2: *"O preconceito sempre vai ter, pois sempre terá alguém mais machista. Todos nós erramos, homens e mulheres. As mulheres precisavam ter mais oportunidades. O erro é o mesmo, mas quando uma mulher erra, é mais evidenciado"*. Nessa direção, para F6: *"A mulher erra no futebol e vai ser julgada e o homem, não"*. Essas falas revelam que existem pesos e medidas diferentes para o "mesmo" erro cometido pela mulher e pelo homem, implicando desigualdade de tratamento entre os sexos.

M2, também admite que, quando o jogo está mais disputado, os meninos ficam nervosos de ceder a quadra para as meninas. Como é um esporte de contato, não é difícil aos homens utilizarem da força e do seu empoderamento para intimidar psicologicamente e fisicamente as meninas, visando à vigência de uma ordem pré-estabelecida para os sexos. Segundo Louro (2003):

[...] não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreendam o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não

exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 2003 p.21).

Ainda na discussão sobre o tabu, para M3: *“a menina é criada mais presa, por isso não tem oportunidade de aprender a jogar futebol. Tem muitas mulheres jogando nos jogos de futebol (FIFA) virtual, os meninos mesmo nos jogos virtuais agridem verbalmente as meninas. Devido a isso, as meninas não permanecem jogando”*. Daolio (2003, p, 111) destaca os cuidados que cercam as meninas: *“As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujarem, não suarem”*. Parece haver uma representação de disputa de campos sociais, atacando as mulheres como nos mostra Goellner (2006):

a representação de que o futebol masculiniza a mulher só pode ser compreendida a partir de uma representação essencialista dos gêneros que não permite visualizar as multiplicidades que cada pólo contém. Representa, ainda, admitir ser o futebol um esporte masculino e que, quando jogado pelas mulheres, deve evitar que ela transponha alguns limites culturalmente construídos e identificados a partir da sua configuração biológica tornando-se, portanto, imperiosa a sua feminização. (GOELLNER, 2006 p. 4). Grifo meu.

F4: *“Não acredita que hoje tenha muita resistência quanto à mulher jogar futebol”*. *“A homossexualidade não é exclusiva do futebol, está presente em todos os esportes”*. Todos participantes concordaram com esta última fala. Isso representa um maior entendimento sobre as questões de gênero. De acordo com Liotard (2003):

o mundo dos esportes depende da estigmatização, tanto dos homens que se afastam dos caminhos da virilidade tradicional quanto das mulheres que dele se aproximam, associando num mesmo movimento, sexismo e homofobia (LIOTARD, 2003 p. 4).

Para F6, *“quando uma mulher erra há sempre um comentário provocativo: tinha que ser mulher, vai pilotar fogão, mulher não sabe nada. Se a mulher quiser entrar no mundo do futebol, ela terá que enfrentar todas as barreiras sociais e culturais, mas basta insistir que a mulher conquistará seu*

*lugar. Os homens não conseguem distinguir o futebol competitivo do recreativo, quando joga com mulheres”.*

As representações aqui são consideradas parte do quadro preconceituoso existente contra a mulher, porém a participante F6 demonstra que está ciente das dificuldades que enfrentará para superar as barreiras. A Educação Física tem as competências para promover o esclarecimento e o convívio entre a abordagem competitiva e recreativa do futebol e demais esportes, para atender a todos e a todas. Entendo que mediar e esclarecer as diferentes perspectivas de práticas é tarefa do profissional que está à frente do grupo.

Segundo F7: *“os homens, quando estão jogando com mulheres, têm que respeitar, controlar e manejar na força e competitividade, pois na escola o futebol é recreativo”.* A virilidade apresentada nesse esporte é constantemente salientada pelo mundo masculino (DUNNING; MAGUIRRE, 1997). As aulas de Educação Física não podem ser confundidas com aulas de treinamento (rendimento performático), e o que essa fala representa é a reivindicação de direitos. O sexismo, no campo do futebol, procura sobrepor a prática competitiva à recreativa, tornando-a praticamente invisível. Portanto, a busca de uma prática com melhor convivência entre os alunos e alunas tem o risco de apagar ou minimizar as diferenças.

Segundo M8: *“Se houvesse uma educação das crianças para que entendam e respeitem a participação das meninas no futebol feminino, já ajudaria a quebrar o preconceito e o tabu. O homem não facilitaria o jogo, só por estar jogando com mulheres”.* A desigualdade de gênero e o nosso histórico cultural nessa área fazem com que o futebol feminino seja desacreditado e que a mulher não entenda de futebol e nem o pratique de modo expressivo na escola e em nossa sociedade.

A fala de M8, portanto, procura contribuir para romper com o preconceito e o tabu por meio da educação a partir do período da infância. Essa representação busca uma perspectiva diferente das demais apresentadas pelo grupo. As palavras de Goellner (2007) contribuem para o entendimento desse processo.

A eles, a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio

ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”. Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens. (GOELLNER, 2007, p. 184-185).

Percebe-se que o tabu para os estudantes tem a representação fundamentada no predomínio masculino do futebol e no preconceito voltado para a prática do futebol feminino, em razão de um modelo biológico, baseado no sexo e que polariza e distingue o homem da mulher e o masculino do feminino. Não se trata de um modelo sociocultural que utilize como referência a categoria de gênero e sim de um binarismo entre os sexos. Dessa forma, o futebol feminino tem sofrido o preconceito de diferentes formas.

#### 5.2.4 Pergunta 3

As alunas foram perguntadas sobre quais são os seus interesses pelo futebol. Foram obtidas as seguintes respostas:

F4: Não tem interesse e não gosta. É uma questão de afinidade, não vê objetivo e não tem habilidade.

F5: Gosta demais de assistir e não é muito de torcer. Gosta de distrair-se e observar.

F6: Gosta de jogar de tudo, sempre teve envolvimento com o esporte, sempre teve muito interesse. Entende de todo esquema, de regra e cuida da sua parte física.

F7: Gosta de assistir, acha bacana, traz interatividade e gosta de jogar. Acha que o futebol que é para se distrair, sendo muito divertido.

Como se verifica, entre essas alunas pesquisadas, os interesses são diversos. Há uma inclinação muito mais para o interesse, que para o desinteresse pelo futebol como um todo. Dessa forma, a escola e, em especial, a Educação Física não podem se silenciar frente ao domínio dos alunos em detrimento das alunas no futebol.

É necessário contemplar os direitos dos estudantes e conviver com diferentes interesses. Portanto, uma vez que o processo de educação de

homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, no processo de ensino-aprendizagem, isso implica valores, conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos (SOUSA; ALTMANN, 1999).

#### 5.2.5 Quarta pergunta

Quando feita a pergunta: *Qual o lugar do futebol feminino dentro da hierarquia com os demais esportes escolares?* A discussão deu origem às respostas que se seguem.

F7: *“Fica entre os últimos”.*

M3: *“Tudo depende da escola, deve partir do início”.*

F6: *“A prática é restrita pela dificuldade com os meninos”.*

F4: *“Se houvesse uma manifestação da maioria, aumentaria a quantidade de participantes”.*

F5: *“Antigamente gostava e depois desmotivei[-me]. Os meninos ridicularizam as meninas. Chutam o balde”.*

M2: *“No jogo mais disputado, fica difícil para as meninas”.*

M1: *“Existe o desinteresse das meninas”.*

F6: *“Queria organizar mais não consegui”.*

No desenvolvimento deste estudo, a fala de F7, “Fica entre os últimos”, parece resumir e representar com coerência o lugar do futebol feminino na escola. A ideia que se tem da representação é que, para que ele ocorra na escola e efetivamente passe a ser um conteúdo pedagógico nessa instituição escolar, são necessárias mudanças. Acredito que essa tarefa deve ser organizada coletivamente, pois existe a demanda feminina, a resistência em negociar igualmente espaço e estabelecer e ou determinar os limites das regras de convivência.

Devide e Pereira (2008) consideram que, tanto professores, como os alunos e alunas, sustentam as divisões de gênero nas aulas de Educação

Física, reforçando a feminilidade e a masculinidade como excludentes entre si e, durante muito tempo adotaram/adotam, o esporte como instrumento de diferenciação e hierarquização dos sexos a partir de suas práticas.

## **6. Considerações finais**

O futebol se constitui num dos mais importantes elementos da identidade nacional. Ele apresenta um universo predominantemente masculino e representa uma importante experiência de ensino, de preservação e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade.

De acordo com os dados levantados e informações fornecidas pelas autoridades escolares sobre a pesquisa documental no ensino médio, não foi encontrada citação alguma referente ao futebol feminino. Essa ausência de registro indica que essa prática esportiva, na modalidade feminina, ocupa um lugar periférico e dos últimos a serem lembrados no esporte, confirmando o que foi dito na fala dos sujeitos participantes. Portanto, os documentos pesquisados dialogam em direção semelhante à prática encontrada na escola investigada.

Este estudo mostrou que o futebol feminino, para alunos e alunas em uma escola pública de Belo Horizonte, tem ocorrido fundamentalmente baseando-se na distinção de homens e mulheres por critérios biológicos e não pela construção social do sexo, ou seja, por gênero. Isso tem gerado e reproduzido o binarismo, preconceitos, desigualdades, hierarquias e sexismo, situação nociva para a prática do futebol feminino. Assim, o futebol torna-se prática educativa excludente.

A escola, como lugar de aprendizagem e saberes, não pode silenciar-se diante da desigualdade de direitos e do sexismo. A igualdade esperada pode ser entendida como equidade. A Educação Física não deve reforçar uma comparação entre alunos e alunas, em prejuízo das últimas. É imprescindível, pelo contrário, valorizar a diferença de todos e todas e a contribuição individual para o coletivo, ofertando atividades que possam ser praticadas por todo grupo para contribuir com a formação e construção do ser social. Assim, a Educação

Física escolar tem uma longa caminhada para a superação das desigualdades de gênero, a partir do desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e democráticas.

## 7. Referências

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: marias (e) homens na educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, p. 112-117; 175-176, 1999.

ASCHIDAMINI, I.M.; SAUPE, R. Grupo focal. estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Revista Cogitare Enfermagem**, v.9, n.1, p. 9 14, 2004.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultura e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, UEM, v. 9. nº1, 2005.

BELELI, Iara. Gênero. In: MISKOLCI, Richard (org.). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCAR, 2010, pp. 49-73.

BORGES, C. D.; SANTOS, M. A.; Aplicações metodológicas da técnica de grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Rev.SPAGESP**, v.6, n.1, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17

COUTINHO, Clara Pereira; CHAVES, José Henrique. O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 1, p. 221-243, 2002.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 3. ed. rev. São Paulo: UNICAMP, 2006. 150 p.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

DAÓLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo. (org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

Devide, F. P. e Pereira, V. C. A. Futebol como conteúdo generificado: uma possibilidade para rediscutir as relações de gênero. **Revista Digital**. Buenos Aires. Ano 12. Nº 118. Março, 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd118/futebol-como-conteudo-generificado.htm>  
Acesso 11 jan 2016.

DUNNING, E. MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, v. 2, 1997, pp. 321-348.

ELIAS, Norbert; DUNNING Erik (org.) **A busca da excitação**. Lisboa, 1992.

FRANZINI, Fabio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 316-328. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28282.pdf> Acesso. 13/jun/2015.

FURLAN, Cássia Cristina. SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**. Ano XX, Nº 30, p. 28-43 Jun./2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões e epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Na “Pátria das Chuteiras” as Mulheres não Têm Vez. In: **ANAIS DO VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, 2006. Florianópolis. Disponível em: [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf) p 1- 6. Acesso 12 Out. 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/16590-19740-1-PB.pdf>. Acesso 12 Out 2015.

GOELLNER, S, V. Gênero, Educação Física e esportes: do que falamos quando em gênero falamos? In: VOTRE, S. **Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio Janeiro: Gama Filho, 2001.

LACERDA, M. PEREIRA, C. CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15, 165-178. 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Revista Motrivivência**. Florianópolis: UFSC, ano XVII, n.24, p.157-172, jun 2005.

LOVISOLO, Hugo. *et al.* Esporte, mulheres e masculinidades. **Revista digital Esporte e Sociedade**. ano 5, n 13, nov.2009.

LIOTARD, Philippe. Sport et Homophobie. In: TIN, Louis-georges (Org.). **Dictionnaire de l'Homophobie**.Paris: Press Universitaires de France, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MOURA, L; SANTOS, G; BENTO, F; LOVISOLO, H. Esporte, mulheres e masculinidades. **Revista digital Esporte e Sociedade**. Ano 5, n 13, 2009.

PEREIRA, C., TORRES, A. R., FALÇÃO, L., & PEREIRA, A. O papel de representações sociais sobre a natureza da homossexualidade na oposição ao casamento civil e à adoção por famílias homoafetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**,29, 79-89. 2013.

PEREIRA, Santos Lira Soares. *et al.* Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte. vol. 26, núm. 3, pp. 737-745. 2014.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20,n. 2, p. 71-99. Jul./dez., 1995.

SOUSA, E. S. de. *et al.* **Proposta curricular**: educação física: ensino fundamental e médio. [Belo Horizonte]: Secretaria do Estado de Minas Gerais, [2006?].

SOUSA, E.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, 1999.

## 8. Apêndices

### 8.1 Roteiro do Grupo Focal

Título: As representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino em um escola pública de Belo Horizonte.

Apresentação:

Fazer minha apresentação pessoal e da pesquisa.

Esclarecer que não há respostas certas e erradas, há pontos de vistas diferentes, com os quais podemos ou não concordar.

Pedir para que os estudantes se apresentem.

Lançar as perguntas e dinamizar a discussão para fomentar o diálogo ente eles:

I) Discordam, concordam,....  
Explique um pouco mais sobre...;  
O que você acha disso, fulano?  
Quem pensa diferente?  
Quem pensa como fulano?  
O que você acha que pode ser feito?

II) Quem gosta de futebol?  
Quem não gosta, por quê?  
Aqui pode aparecer o interesse (Objetivos 2 e 4). Pode aparecer a ideia de praticar e torcer.  
O que você acha que o futebol representa na e para cultura brasileira?  
E o futebol feminino?  
Por que você acha isso ou aquilo do futebol feminino? [baseando-me nas respostas dadas à questão anterior].  
Futebol feminino é um tabu? [ explicar a ideia de tabu]. (Objetivo 3).  
Qual o lugar do futebol feminino em relação aos outros esportes (Objetivo 4).  
Há alguma observação que gostariam de fazer?

## 8.2 Termo de anuência - Escola estadual

Eu, \_\_\_\_\_, diretor(a) da Escola Estadual \_\_\_\_\_, vinculada à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, autorizo Amarildo da Silva Araujo a coletar dados para a pesquisa **“AS RERESENTAÇÕES DOS ALUNOS E ALUNOS SOBRE O FUTEBOL FEMININO EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BELO HORIZONTE”**, do Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Estou ciente da realização da pesquisa proposta pelo discente Amarildo da Silva Araujo e coordenada pelo Prof. Drº Luiz Carlos Villalta. Sei também que estes pesquisadores podem ser contatados através dos telefones (31)988803900 e (31)999503498, respectivamente, ou pelos e-mails silvabhz@gmail.com e luizvillalta@gmail.com.

A pesquisa tem por objetivo: identificar as representações do futebol feminino pelos alunos e alunas do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte, MG. A investigação sobre a relação entre o futebol feminino e a sua inserção na escola é pertinente, tendo em vista os novos espaços conquistados pelas mulheres. É sabido que o futebol feminino no espaço escolar vem ampliando a sua prática, que é, porém, ainda cercada de preconceitos quando há o envolvimento de mulheres. Negligenciar a existência de conflitos numa relação dominada pelo masculino, que recebe a inserção do feminino, pode conduzir a uma interpretação que desqualifica a escola como local onde se discutem questões que afetam o cotidiano da sociedade ou onde se lhes atribui a devida e/ou merecida importância.

Para tanto, estou ciente de que a coleta dos dados pelo pesquisador por meio do grupo focal deve ser feita mediante o consentimento dos alunos que constituem os sujeitos da pesquisa e dos pais, no caso de alunos menores de 18 anos. As entrevistas serão realizadas para fins somente deste estudo como fonte de informações. Serão garantidos o anonimato e o sigilo absoluto no tratamento dos dados, que só serão disponibilizados para os pesquisadores. Os sujeitos serão identificados apenas por um número ou nome fictício escolhido pelo pesquisador, e a identidade dos voluntários não será revelada, sendo o mesmo procedimento válido para a instituição escolar. Todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade do cursista, e não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os participantes ou para a instituição envolvida.

Por meio deste consentimento, declaro que fui informado (a) dos objetivos e da justificativa do presente estudo, autorizando assim a participação voluntária dos sujeitos da pesquisa.

Atenciosamente,

Belo Horizonte, de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Diretor(a) da Escola.

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta  
Professor orientador da pesquisa

---

Amarildo da Silva Araujo  
Discente do Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola.

### 8.3 Termo de consentimento livre e esclarecido – Responsável pelo estudante menor

Aos pais e/ou responsável:

Convido                      seu                      (sua)                      filho                      (a)

\_\_\_\_\_,  
estudante menor de 18 anos, a participar como voluntário (a) da pesquisa que tem o objetivo de identificar as representações do futebol feminino dos alunos e alunas do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte - MG.

A participação na pesquisa é totalmente voluntária não cabendo qualquer forma de pagamento aos estudantes. A qualquer momento, os estudantes e responsáveis poderão solicitar esclarecimentos ao pesquisador. Os participantes serão esclarecidos (as) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejarem e estarão livres para participar ou recusar. Poderão retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento sem implicar penalidade ou modificação na forma pela que serão atendidos pelo pesquisador. Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos, através do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH/UFMG). Telefone: (31) 3409-6273. Endereço: Sala 4020 e 2003, FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais Av. Antônio Carlos, 6.627, Pampulha, Belo Horizonte /MG, CEP : 31270-901.

Autorizo que o (a) estudante acima identificado (a) participar da entrevista, sem que seu nome seja identificado e/ou associado à pesquisa. O pesquisador conhecerá o conteúdo da entrevista para discutir os resultados, mas sempre submetidos às normas do sigilo profissional. Ao final do estudo, os resultados serão publicados em forma de uma monografia e também artigos acadêmicos, não revelando o nome do (a) estudante.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Belo Horizonte \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Pais e/ou responsável legal.

#### 8.4 Termo de assentimento – Estudante menor de 18 anos

Aos estudantes:

Convido

\_\_\_\_\_, estudante menor de 18 anos, A participar como voluntário (a) da pesquisa que tem o objetivo de identificar as representações do futebol feminino dos alunos e alunas do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte - MG.

A participação na pesquisa é totalmente voluntária, não cabendo qualquer forma de pagamento aos estudantes. A qualquer momento, os estudantes poderão solicitar esclarecimentos ao pesquisador. Os participantes serão esclarecidos (as) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejarem e estarão livres para participar ou recusar. Poderão retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento sem implicar penalidade ou modificação na forma pela qual serão atendidos pelo pesquisador. Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos, através do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH/UFMG). Telefone: (31) 3409-6273. Endereço: Sala 4020 e 2003, FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais Av. Antônio Carlos, 6.627, Pampulha, Belo Horizonte /MG, CEP : 31270-901.

Aceito participar da entrevista, sem que meu nome seja identificado e/ou associado à pesquisa. O pesquisador conhecerá o conteúdo para discutir os resultados, mas sempre submetidos às normas do sigilo profissional. Ao final do estudo, os resultados serão publicados em forma de uma monografia e também artigos acadêmicos, mantendo o anonimato do (a) estudante.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade.

Belo Horizonte \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Estudante voluntário.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta  
Professor orientador da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Amarildo da Silva Araújo  
Discente do Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola.

## 8.5 Termo de consentimento livre e esclarecido – Estudante maior

O curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Minas Gerais está orientando uma pesquisa que trata de identificar as representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino na escola coordenada pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta, contando com a participação do cursista Amarildo da Silva Araujo.

Convido o (a) estudante \_\_\_\_\_ a participar como voluntário (a) da pesquisa que tem o objetivo de analisar a percepção da prática do futebol feminino pelos alunos e alunas do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte - MG.

Ressalto que a participação na pesquisa é totalmente voluntária, não cabendo qualquer forma de remuneração aos estudantes. A qualquer momento, os estudantes poderão solicitar esclarecimentos aos pesquisadores. Os participantes serão esclarecidos (as) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejarem e estarão livres para participar ou recusar. Poderão retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento sem implicar penalidade ou modificação na forma pela qual serão atendidos pelo pesquisador. Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos, através do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH/UFMG). Telefone: (31) 3409-6273. Endereço: Sala 4020 e 2003, FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais Av. Antônio Carlos, 6.627, Pampulha, Belo Horizonte /MG, CEP : 31270-901

Aceito participar da entrevista da pesquisa, sem que meu nome seja identificado e/ou associado à pesquisa. Os pesquisadores poderão conhecer o conteúdo para discutir os resultados, mas sempre submetidos às normas do sigilo profissional. Ao final do estudo, os resultados serão publicados em forma de uma monografia e também artigos acadêmicos, mantendo o anonimato do (a) estudante.

Desde já, agradecemos pela compreensão e voluntariedade,

Atenciosamente,

Belo Horizonte \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Voluntário da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta  
Professor orientador da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Amarildo da Silva Araujo  
Discente do Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola.